



ESTANDARTE COR DE ROSA: A LUTA FEMININA DO MARACATU CORAÇÃO NAZARENO

Larissa Bonfim¹

RESUMO

O Maracatu Coração Nazareno, de Nazaré da Mata – PE, é um folguedo formado exclusivamente por mulheres, quando esta manifestação é tradicionalmente masculina. A partir da experiência de integrar o Maracatu no Carnaval de 2019 como Cabocla de Lança, personagem restrito aos homens nos demais Maracatus, este trabalho pretende, através da análise da vivência e de falas espontâneas coletadas, problematizar a categoria gênero, tanto em direção ao reconhecimento da luta constante contra as opressões do patriarcado, quanto em seus aspectos de essencialização e heteronormatividade. Com referencial teórico-metodológico apoiado em autores como MEDEIROS (2005), GUERRA PEIXE (1980), REAL (1967) para bibliografia mais específica sobre Maracatu e BEAUVOIR (2016), BUTLER (2008) para discutir gênero, sexualidade e performatividade, o trabalho debate aspectos da realidade das mulheres neste folguedo e outros horizontes possíveis.

Palavras-chave: Maracatu Rural, mulher, cultura popular, gênero, sexualidade.

INTRODUÇÃO

Essa é uma pesquisa desenvolvida com o objetivo de compreender e problematizar as relações de gênero e sexualidade que envolvem o Maracatu Coração Nazareno, a partir da experiência de integrar o brinquedo do Maracatu Rural como Cabocla de Lança no carnaval do ano de 2019. Nazaré da Mata e outras cidades da Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco sediam grande quantidade de grupos de Maracatu de Baque Solto, um folguedo tipicamente masculino. Criado na “Terra dos Maracatus”² e com pautas de luta pelos direitos das mulheres em seu estandarte cor de rosa, o Maracatu Coração Nazareno é, desde 2005, o único grupo formado totalmente por mulheres.

Idealizado por Eliane Rodrigues de Andrade Ferreira, presidente da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM)³, o Coração Nazareno intencionalmente subverte a

¹ Bacharel e licenciada em Dança pela UNICAMP e graduanda em Ciências Sociais pela UFPE. larissa.bonfim1988@gmail.com

² Conhecida também como capital do Maracatu, a cidade de Nazaré da Mata é um dos destinos mais procurados no carnaval pernambucano, com destaque para a segunda-feira, dia mais importante de desfile, no qual mais de 32 grupos se reúnem nas redondezas da praça principal.

Fonte: https://www.penocarnaval.com.br/cidades/nazare_da_mata

³ A AMUNAN é uma entidade de organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, de utilidade pública municipal, estadual e federal, legitimada pelo poder público. A associação promove o fortalecimento das mulheres das áreas urbanas e rurais da Zona da Mata Pernambucana através de um notável trabalho na busca



“tradição” e inclui as mulheres na brincadeira, transformando-as em protagonistas dessa manifestação de origem masculina. Neste enfrentamento, as mulheres do Maracatu verbalizam espontaneamente “nós queremos é chocar mesmo, não está certo os homens terem espaço e nós não, porque não posso brincar, por que sou mulher?”⁴

Nas vozes das mulheres, principalmente as mais próximas à coordenação da Associação, ecoa o engajamento do Maracatu como símbolo de resistência feminina, instrumento de combate ao machismo e a violência contra a mulher. Para caracterização dessa luta, os símbolos escolhidos são elementos como a cor rosa para as golas⁵ e estandarte, e as pautas da valorização da sensibilidade, do cuidado e da afetividade feminina como demarcação de posição política. Estes elementos conferem visibilidade ao grupo na mídia, proporcionando notável destaque para o “Maracatu só de mulheres”, apesar do grupo ser “mal falado” por outros como um Maracatu sem tradição e sem respeito à manifestação.

Mesmo com todos esses símbolos atribuídos como particularidades do feminino, é comum ouvir nas ruas da cidade a ideia de que quem está ali não é mulher de verdade, ou seja, dúvidas quanto à orientação sexual das integrantes. Essas relações determinantes entre gênero, sexualidade e performatividade puderam ser encontradas também nos discursos entre as mulheres do grupo.

A metodologia deste trabalho se respalda na intensa experiência vivida como participante do Coração Nazareno no carnaval de 2019, assim como nas observações e falas espontâneas coletadas nesta imersão. Os referenciais teóricos utilizados são estudos feministas como Beauvoir (2016), Butler (2008), entre outras, além de bibliografia especializada em Maracatu Rural, como Real (1967), Guerra-Peixe (1980), Medeiros (2005), nos quais pode-se compreender a masculinidade da tradição, suas transformações ao longo do tempo e a participação convencional das mulheres justificada na religiosidade que sustenta a manifestação.

Através desse aparato teórico-metodológico pretende-se problematizar a categoria gênero tanto em direção ao reconhecimento da luta constante contra as opressões do patriarcado, quanto aos seus aspectos de essencialização e heteronormatividade.

pelos direitos humanos, igualdade e democracia e, principalmente, o respeito à mulher.
Fonte: <http://www.amunam.org.br/>

⁴ Depoimento em conversa espontânea de Rayanne Caroline, rainha do Maracatu Coração Nazareno, na sede da AMUNAN, dia 03/03.

⁵ Gola é o manto, a roupa utilizada pelos Caboclos de lança, figura de destaque no Maracatu Rural.

MARACATU DE HOMEM, MARACATU DE MULHER

A origem do Maracatu de Baque Solto está relacionada às Cambindas, palavra que, segundo Medeiros (2005) vem de Cabinda, região ao norte de Angola, e também uma manifestação de “brincantes masculinos vestidos de mulher” no interior de Pernambuco. A hipótese de Vicente (2005) é que o Maracatu de Baque Solto tenha surgido de uma evolução das manifestações das Cambindas em contato com os demais folguedos da região, o que explicaria os dois maracatus mais antigos⁶ levarem a palavra Cambinda em seus nomes.

O maracatu rural, em resumo, seria um produto do sincretismo afro-índio gerado pela criatividade do povo rural canavieiro da Zona da Mata-Norte, ao ser incorporado e reciclado no caldeirão cultural do grande Recife. (BONALD apud VICENTE, 2005, p.31).

Guerra-Peixe (1980), em sua obra *Maracatus do Recife*, afirma que os maracatus-de-orquestra se originam da fusão dos folguedos da Zona da Mata e de variações dos Maracatus tradicionais. Já a denominação “Maracatu Rural” data da década de 60, e foi uma contribuição da antropóloga norte-americana Katarina Real (1967) que, com o objetivo de distinguir os dois tipos de Maracatus, identifica nos instrumentos de sopro (trompete, trombone e clarinete), uma diferença fundamental entre esse Maracatu da Zona da Mata Norte e o já reconhecido Maracatu de Baque Virado. Real aponta para como, neste período, os grupos do interior sofriam forte preconceito por parte da imprensa, que os consideravam de maneira pejorativa como descaracterizado ou distorcido tendo como referência o maracatu da capital.

A Federação Carnavalesca de Pernambuco (FCP) e a Federação Carnavalesca Pernambucana (FECAPE) foram criadas no regime do Estado Novo, com o propósito de pôr ordem na apresentação das agremiações carnavalescas, uma forma de controle social para que o Carnaval não fosse mais esse espaço de “arruaça” popular. Assim, paulatinamente, símbolos populares tornaram-se símbolos nacionais.

Esses órgãos agiram na intenção de adaptar os grupos de Maracatu Rural aos padrões carnavalescos da época na cidade do Recife (MEDEIROS, 2005). Dentre as mudanças impostas estavam a adesão de personagens típicos dos Maracatus Nações Africanas, mais “autênticos”, como a Corte Real, e a obrigatoriedade da presença de mulheres.

Do surgimento das Cambindas, até meados da década de 1930, as mulheres eram proibidas pelos homens de participar de qualquer espaço performático do folguedo. De acordo

⁶ Cambindinha do Araçoiaba (1914) e Cambinda Brasileira (1918).

com Benjamim (1989, p. 42-43), as mulheres eram excluídas com a justificativa de que o folguedo era muito violento, haviam muitas brigas entre os homens, bebidas alcoólicas e conversas que não respeitavam valores morais importantes para uma mulher cuidadora do lar.

Com as transformações advindas das intervenções das Federações Carnavalescas, as mulheres foram gradualmente incorporadas ao folguedo, até porque, os grupos de maracatus rurais que quisessem se candidatar a apresentações durante o Carnaval no Recife, precisariam estar adequados as mudanças sugeridas. Porém, as mulheres puderam ocupar os papéis antes performados por homens travestidos, por exemplo as baianas, e outros personagens “masculinos” continuam, até hoje, vetados.

Além de restrições quanto à participação por meio de uma localização própria das mulheres dentro da manifestação, a feminilidade ainda é vista como um “perigo” para a folguedo. Elas podem dismantelar o maracatu quando tocam na lança dos caboclos ou se estão menstruadas no momento da apresentação. Como bruxas, são fonte de energias negativas.

Hoje em dia, os maracatus são organizados da seguinte maneira: na frente, estão os personagens cômicos populares (o Mateus, a Caterina ou Catita, a Burra, o Caçador), em seguida o Arrearar, as Índias e o Mestre Caboclo puxando o grupo, os cordões dos Caboclos de Lança, posicionados como trincheiras que protegem o “miolo”, formado pela Corte e pelo Baianal. Ao fundo um Caboclo de Lança protegendo o Terno (percussão, instrumentos de sopro e Mestra do Apito entoando as loas⁷) e a Bandeira.

Nas maracatus masculinos, as mulheres são aceitas principalmente nas figuras das Índias, Baianas e Corte. O Coração Nazareno só tem mulheres em sua composição, a mestra Gil entoa loas voltadas para as reivindicações sociais e necessidades das mulheres, e as Caboclas de Lança têm uma indumentária mais leve em relação aos outros (em torno de 18 kg).

As mulheres do Coração Nazareno acreditam que estão “quebrando tabus” brincando em personagens antes proibidos, tornando-se protagonistas na tradição do Baque Solto, e é preciso refletir até que ponto essas mulheres estão contestando o patriarcado e subvertendo as relações de gênero tradicionais no Maracatu Rural. Mesmo depois tantos anos de atuação, as mulheres do Coração Nazareno ainda recebem muitas críticas, principalmente de homens mais velhos), que ainda não as considera um “Maracatu de verdade”.

⁷ Loas são as canções da Cultura Popular, elas podem ser tradicionais ou criações autorais contemporâneas de determinado grupo.

MARACATUZEIRAS DE “CORPO ABERTO”

O Maracatu Rural é um folguedo que articula brincadeira, festa, ritual e proteção. Embora se perceba uma forte influência dos rituais católicos, as religiões de matriz africana e indígenas dão significados aos fenômenos simbólicos do folguedo e, são responsáveis pela proteção espiritual da festa.

Os cultos de jurema, de catimbó e de xangô, sendo que as fronteiras são bastante tênues entre o que se pratica nos rituais de cada um desses cultos e como estes se apresentam socialmente, são os citados para além da fé católica.

O folguedo está historicamente e tradicionalmente mais ligado a jurema e sua origem indígena, e o catimbó é a parte das “esquerdas”⁸ para quem os trabalhos são feitos com o objetivo de proteção do grupo durante o Carnaval.

Dentro do Maracatu Rural existem os participantes que o “sustentam” espiritualmente, estes vivenciam experiência religiosas de contato com o mundo sagrado, em que as entidades são invocadas e realizam trabalhos de proteção contra “espíritos malfeitores”. As personagens que necessitam de proteção são: o Caboclo de Lança, a Dama-do-Paço com a Calunga e o Arreimá.

Sobre a religiosidade dos Maracatus de Baque Solto, Katarina Real argumenta:

Tudo sobre os Maracatus Rurais me dá a impressão de se tratar de uma sociedade secreta masculina. Que há muita influência do ‘catimbó’, ‘Xangô de Caboclo’, e ‘dos mestres do além’ entre os associados não há dúvida, e é assunto que vale estudo mais detalhado. Também há indicações duma influência do Toré, dança guerreira indígena (e culto secreto) que existe nos subúrbios do Recife e pelo interior de Pernambuco e Alagoas. Eis outro fator que dificultou minha pesquisa – a grande desconfiança dos homens em responder a qualquer pergunta com referência a religião. (REAL, 1967, p. 81).

Os preparativos incluem limpezas, banhos de ervas, abstenção de relações sexuais e, um dos principais tabus é que mulheres não podem estar menstruadas, descumpridas essas orientações é provável que o Maracatu não tenha sucesso, pois seus integrantes estarão de “corpo aberto”, ou seja, propícios aos males e a desordem de Exu.

A menstruação simboliza impureza e está relacionada a má sorte. Essa é a principal justificativa para a não aceitação de mulheres nos papéis principais, como o Caboclo de

⁸ Entidades de “direita” são aquelas mais ligadas à luz, trabalhos de saúde, amor e sucesso (como caboclos), já as entidades de “esquerda” fazem o trabalho mais “pesado”, são entidades de rua (como exú e pomba-gira).

Lança, pois ele é o caboclo guerreiro que protege todo o brinquedo alinhado nos cordões laterais.

O Maracatu Coração Nazareno, que se define como um “Maracatu Alegórico” e não tem ligações diretas ou fortes com a espiritualidade nos seus preparativos, alegam que “essa história da menstruação é desculpa deles, quem fala isso é homem que não quer ver mulher brincar maracatu e só quer mulher na cozinha”⁹.

“MUIÉ MACHO”

Todo o folguedo do Maracatu Rural, e especialmente as figuras dos Caboclos de Lança, tem relação com o trabalho braçal dos homens na lavoura da cana-de-açúcar. Estes homens performam a mais viril masculinidade, brigam entre si e consideram a brincadeira como uma coisa de “cabra-macho”.

Mesmo quando os personagens femininos eram e ainda são feitos por homens, como as baianas, por exemplo, o requisito é a manutenção dessa “macheza”, sendo que homens homossexuais que tem assumido papéis no folguedo são, assim como as mulheres, vítimas de discriminação e preconceito.

Vale ressaltar que os homens que fazem as baianas são cabras machos, que não fazem qualquer concessão, além do traje para a constituição da figura feminina, nenhum deboche, nenhum trejeito, nenhum deslize. Os que usam bigodes não raspam para se vestirem de baiana; a assistência nos engenhos, arruados e vilas onde se apresentam também não diz gracejos ou piadas. (NASCIMENTO, 2005. p.96).

O fato das baianas, por exemplo, destacarem que são homens quando encenam as mulheres indica a necessidade de afirmação da sua realidade heterossexual, então, independente do que façam e dos papéis que ocupem no folguedo, estes indivíduos tem sua identidade de “cabra macho” resguardada, inclusive como se esta identidade masculina fosse a única possibilidade de ser homem e de ser homem heterossexual.

Dentro dessa mesma lógica, se o homem para ser homem deve corresponder a este ideal de “macheza”, às mulheres cabe o cor de rosa, a delicadeza, a amabilidade. Estes símbolos do feminino, como já foi discutido anteriormente, são exatamente os elementos que o Coração Nazareno faz uso para se afirmar enquanto um Maracatu de mulheres.

⁹ Depoimento em conversa espontânea de Eliane Rodrigues de Andrade Ferreira na sede da AMUNAN, dia 04/03.

A despeito disso, as mulheres do Coração Nazareno, mesmo vestidas de cor de rosa, e principalmente aquelas que brincam de Caboclas de Lança, carregam o estigma de “muié macho” e “sapatão”.

Dentro do próprio grupo pude observar esse estigma, o que explica as meninas e mulheres de Nazaré da Mata preferirem brincar com outras personagens, sendo que as mulheres “de fora” (convidadas de Recife, Paraíba, São Paulo, Brasília) assumiam este “peso” que vai muito além dos 18 kilos de indumentárias.

Meninas e mulheres do Coração Nazareno, como parte da realidade que habitam, reproduziam preconceito contra a lesbianidade e emitiam comentários de repulsa a esta prática social: “Credo, tia, tu é sapatão? Mentira, mas tu parece tanto com uma mulher! Que horror, para com isso!”.¹⁰

PROBLEMATIZAÇÃO

Um dos primeiros marcos teóricos para o feminismo e de extrema importância por apontar a atuação da cultura sobre os corpos e assim livrar as mulheres de seus destinos biológicos foi a obra de Beauvoir (2016). A principal tese presente no livro, já contida em sua abertura, é a inexistência autônoma da mulher, sua posição objetificada e sempre relativa ao “Eu masculino”, por isso sua condição de “Outro”, de “segundo sexo”.

O contexto de escrita, ano de 1949 na França, era um momento de efervescência de transformação das mulheres, e como reação, a autora coloca que eram muito comuns frases conservadoras nas ruas como: “estamos perdendo nossas mulheres”, “elas estão acabando com o que é ser mulher”.

Essas afirmações, resultantes de concepções que permanecem até os dias de hoje, apontam para uma ideia de mulher eterna, imutável, como se os papéis a ela delegados, como o de mãe e esposa, assim como os comportamentos frágeis e recatados, estivessem inscritos em sua biologia.

O conceitualismo perdeu terreno: as ciências biológicas e sociais não acreditam mais na existência de entidades imutavelmente fixadas, que definiriam determinadas características como as da mulher, do judeu ou do negro; consideram o caráter como uma reação secundária a uma situação (BEAUVOIR, 2016, p. 10, vol. I).

¹⁰ Depoimento em conversa espontânea de Vanessa Silva, adolescente que brinca de baiana, no ônibus, dia 05/03.

Assim, não é a natureza que define uma mulher, mas a cultura e os mitos que ela pode disseminar. Essa virada de compreensão desmonta a essência feminina e faz emergir como questão: “mas afinal, o que é ser uma mulher?”

O binômio homem x mulher, colocará Beauvoir, não tem qualquer reciprocidade, não são pares opostos, ao contrário, a relação estabelecida é extremamente hierárquica. O homem é um Sujeito absoluto, propriamente dotado desse “s” maiúsculo como foi cunhado por autoras feministas mais atuais, e a mulher é um ser relativo, já que não é uma categoria em si mesma, mas é denominada pelo olhar do homem e por esse olhar subjulgada.

A partir dessa ideia, é possível perceber que muitos são os “Outros”: os judeus, os negros, os indígenas, os proletários, e, evidentemente, as mulheres. Descortinar toda essa condição e a construção social que é feita a partir das formas e funções biológicas corpos humanos nascidos com vagina, foram passos fundamentais para o feminismo e para aprofundamentos e divergências futuras.

Judith Butler (2008), baseada em referenciais foucaultianos para discordar que gênero é um conceito que diz respeito ao campo da teoria social e da cultura enquanto o sexo pertenceria ao campo da biologia.

Para a autora, o conceito de gênero, na medida em que não é um conceito isento de ideologia, é, assim como todo conhecimento, um instrumento expresso pela cultura e pelo discurso. Este discurso tem inscrito o sexo e as diferenças sexuais fora do campo social, e dessa forma, o gênero tem aprisionado o sexo em um locus inalcançável à crítica e à desconstrução.

A filósofa revela como as categorias sexo-gênero-desejo-prática sexual são estabelecidas em uma coerência segundo uma ordem compulsória heterossexual. Butler desmonta toda essa obrigatoriedade e mostra como os binarismos também asseguram essa mesma ordem compulsória. Essa manutenção das categorias ocorre pela repetição de atos, gestos, comportamentos, que reforçam a construção de corpos femininos e masculinos tal como estão estabelecidos até hoje. Todos esses aspectos são, portanto, uma questão de performatividade.

Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. (BUTLER, 2008, p. 200).

Beauvoir, a partir do debate de gênero, buscou a dessencialização para superação das opressões da mulher como “Outro” sem problematizar o sexo, a autora, na verdade, o utiliza quase como gênero e sexo como sinônimos no projeto de libertação da mulher das amarras da construção social. Butler, décadas depois, continua na busca da desconstrução dos postulados culturais, mas reconhece a compreensão do gênero como aprisionadora do sexo, resultando em obrigiedades e reproduções da ordem estabelecida com a qual quer romper.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de enfrentamento do machismo e do patriarcado, por parte do Coração Nazareno, diante dos demais grupos que não permitem que mulheres assumam determinadas figuras do brinqueado, é uma ação de resistência que tem permanecido, a despeito de todas as dificuldades, forte.

As relações de gênero e de sexualidade no contexto da Mata Norte de Pernambuco, e mais especificamente nesse folgado, são de extrema complexidade e com certeza necessitariam de um trabalho mais aprofundado como continuidade.

Dentre as questões levantadas, está a concepção de gênero feminino tanto por parte dos homens e dos Maracatus tradicionais, quanto pelas próprias mulheres do Coração Nazareno, é preciso refletir o que cada um desses grupos “opostos” compreende por “o que é ser mulher”, em que medidas estão os enfrentamentos e será que a lógica da essencialização não permanece. Outra questão relevante, é a compulsoriedade heterossexual nesta concepção de mulher de ambos os lados, revelado na performatividade do gênero.

As questões se complexificam ainda mais no contato com a dimensão do religioso, da espiritualidade, e diante de todas essas problematizações o que permanece é a possibilidade ou impossibilidade de transformação. Segundo Carlos Rodrigues Brandão, “tudo é movimento em qualquer tipo de cultura” (BRANDÃO, 2007, p. 38), ou seja, estamos a todo o momento recriando, resta saber qual caminho estamos de fato tomando e quão, de fato, ele difere daqueles já conhecidos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. *Folguedos e danças de Pernambuco*. Recife: Fundação da Cultura Cidade do Recife, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, vol. I.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GUERRA-PEIXE, César. *Maracatus do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

MEDEIROS, Roseana Borges de. *Maracatu rural: luta de classes ou espetáculo?* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.

NASCIMENTO, Mariana Cunha Mesquita do. *João, Manoel, Maciel Salustiano: três gerações de artistas populares recriando os folguedos*. 2º Volume Coleção Maracatus e Maracatuzeiros. Recife: Editora Associação Reviva, 2005

REAL, Katarina. *Folclore no carnaval do Recife*. Recife: FUNDAJ. 1967.

VASCONCELOS, Tamar Alessandra Thalez. *As subjetividades e feminilidades no Coração Nazareno: Um estudo etnográfico em um Maracatu de Baque Solto Feminino de Nazaré da Mata*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, p. 135, 2016.

VICENTE, Ana Valéria. *Maracatu Rural: o espetáculo como espaço social*. Recife: Editora Associação Reviva, 2005.